

# TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

# **História da Leitura – Introdução Panorâmica**

# Epígrafes

Tal como o próprio ato de ler, uma história da leitura salta para frente até o nosso tempo – até mim, até minha experiência como leitor – e depois volta a uma página antiga em um século estrangeiro e distante. Ela salta capítulos, folheia, seleciona, relê, recusa-se a seguir uma ordem tradicional.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 38.

## História da Leitura – visão privilegiada

Perspectiva que considera a institucionalização da leitura como prática social em larga proporções enquanto produto da sociedade burguesa e capitalista (livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais) – perspectiva eurocêntrica.

### Fatores:

- Passagem do *volumen* ao códice (ainda na Idade Antiga, desde o século II);
- A visão de mundo antropocêntrica (Renascença);
- Individualismo da sociedade burguesa;
- A valorização da família e da privacidade doméstica (além dos matrimônios de conveniência e da retaguarda das



## História da Leitura – visão privilegiada

corporações de ofício – o absolutismo vai cedendo espaço ao liberalismo – família enquanto miniatura da sociedade idealizada pela burguesia);

- Desenvolvimento da imprensa (progresso tecnológico; a impressão enquanto atividade empresarial regida pelo lucro; e ampliação do mercado do livro);
- A emergência da ideia de lazer;
- A expansão da escola e do pensamento pedagógico (obrigatoriedade do ensino);
- O fortalecimento de instituições culturais como universidades, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, academias de escritores.



*O Bibliotecário* (1566), tela na qual o pintor italiano Giuseppe Arcimboldo (1527-1563) propõe uma reflexão sobre a leitura.

## Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

- Idade Média e a conquista da **habilidade de ler em silêncio** – relacionamento mais livre, íntimo e reservado com a escrita. Processo que se estende do século IX ao XIV, em três períodos: 1) dos séculos IX a XI os *scriptoria* vão abandonando os hábitos de leitura e cópia oralizada; 2) século XIII e a difusão da leitura silenciosa no mundo universitário; 3) século XIV, quando a leitura silenciosa atinge as aristocracias laicas. Transformações nos manuscritos (destaque para a separação de palavras) e ênfase analítica. Oralização e incapacidade de dividir corretamente frases e palavras e de reconhecer a pontuação sintáticas; mesmo em meio a prevalência da

## Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

leitura silenciosa, “a leitura em voz alta permanece, então, o cimento fundamental das diversas formas de sociabilidade: familiares, eruditas, públicas, mundanas, e o leitor visado por grande número de gêneros literários é um leitor que lê para outros ou um leitor que ouve ler” (CHARTIER, Roger. "Do Codice ao Monitor: A Trajetória do Escrito". Estudos Avançados, São Paulo, vol. 8, n. 21, 1994, p. 188).



# Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)



BAUDOIN, Pierre-Antoine. *La Lecture*, c. 1760, guache sobre papel, Musée des Arts Décoratifs, Paris.

(Fonte: BOLLMAN, S. *Reading Women*. Londres, Nova York: Merrel, 2006, p. 24).

# Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)



FRAGONARD, Jean-Honoré. *La Liseuse*. c. 1776, óleo sobre tela, 81,1 x 64,8 cm, National Gallery of Art, Washington.

# Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

## The Isolator

By HUGO GERNSBACK

MEMBER AMERICAN PHYSICAL SOCIETY



The author at work in his private study aided by the Isolator. Outside noises being eliminated, the worker can concentrate with ease upon the subject at hand.

“Composto por um capacete e uma bomba de oxigênio, o The Isolator [Hugo Gernsback, 1925] foi projetado para ajudar a focar a mente ao ler ou escrever, não só eliminando todo o ruído exterior, como também permitindo que apenas uma linha de texto possa ser vista através de uma fenda horizontal, acabando assim com todas as distrações.” (cf. <http://www.updateordie.com/2016/05/02/the-isolator-o-capacete-criado-para-aumentar-o-foco-e-a-concentracao/>)

## Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

- Ampliação da ração livresca e jornalística, paralela a um processo de **dessacralização e libertação da leitura** (século XVIII), depois da revolução na história do livro instaurada pela impressão em tipos móveis de Gutemberg. Nesse sentido, oposição entre uma leitura dita intensiva (poucos livros – Bíblia, obras de piedade, almanaques; livros sacralizados; ainda se observa a presença da leitura oral; apropriação lenta, atenta, repetida) e uma leitura dita extensiva (textos numerosos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosamente; perda do respeito em relação aos objetos impressos). Contexto de crescimento da produção do livro, da multiplicação e da transformação dos jornais, de sucesso dos pequenos formatos, da diminuição do preço dos livros graças às contrafações, da multiplicação das sociedades de leitura etc.

## Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

- Revolução tecnológica da **transmissão eletrônica dos textos** (século XX): hipertexto (leitura descontínua e fragmentária); imaterialidade; simultaneidade; interatividade; confiabilidade; biblioteca universal; as noções de totalidade, coerência e identidade se esgarçam com os conteúdos digitais; amplificação das possibilidades de intervir, modificar e se apropriar dos textos.

“Essas mutações comandam, inevitável e imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais. Se as precedentes revoluções da leitura ocorreram em épocas nas quais as estruturas fundamentais do livro não mudavam, não é o que se dá no nosso mundo contemporâneo. A revolução iniciada é, antes de tudo, uma

## Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito. Nesse ponto, ela tem apenas um precedente o mundo ocidental: a substituição do volume pelo códice, do livro em forma de rolo, nos primeiros séculos da era cristã, pelo livro composto de cadernos juntados” (CHARTIER, Roger. "Do Códice ao Monitor: A Trajetória do Escrito". Estudos Avançados, São Paulo, vol. 8, n. 21, 1994, p. 188).

“Bits se degradam com o passar do tempo. Documentos podem se perder no ciberespaço por conta da obsolescência da mídia em que estão registrados. Hardware e software vêm se tornando indistintos a um ritmo preocupante. A menos que o problema enervante da preservação digital seja resolvido, todos os textos que "nascem digitais" pertencem a uma espécie em risco de extinção. A obsessão por desenvolver novas mídias inibiu os esforços de preservar as antigas” (DARNTON, Robert. *A Questão dos Livros: Presente, Passado e Futuro*. Tradução: Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 56).

## Revoluções na História da Leitura (segundo Chartier)

revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito. Nesse ponto, ela tem apenas um precedente o mundo ocidental: a substituição do volume pelo códice, do livro em forma de rolo, nos primeiros séculos da era cristã, pelo livro composto de cadernos juntados” (CHARTIER, Roger. "Do Códice ao Monitor: A Trajetória do Escrito". Estudos Avançados, São Paulo, vol. 8, n. 21, 1994, p. 188).

“Bits se degradam com o passar do tempo. Documentos podem se perder no ciberespaço por conta da obsolescência da mídia em que estão registrados. Hardware e software vêm se tornando indistintos a um ritmo preocupante. A menos que o problema enervante da preservação digital seja resolvido, todos os textos que "nascem digitais" pertencem a uma espécie em risco de extinção. A obsessão por desenvolver novas mídias inibiu os esforços de preservar as antigas” (DARNTON, Robert. *A Questão dos Livros: Presente, Passado e Futuro*. Tradução: Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 56).